



Verbos meteorológicos flexionados no plural e a hipótese da inacusatividade biargumental: explorando a sintaxe do Português Brasileiro

Igor de Oliveira Costa (UERJ/LAPAL)¹
Marina R. A. Augusto (UERJ/LAPAL)
Erica dos Santos Rodrigues (PUC-Rio/LAPAL)

RESUMO: No presente artigo aborda-se a presença de uma flexão de plural em verbos meteorológicos no interior de orações relativas no PB como parte de um fenômeno mais amplo – a concordância tópico-sujeito. Discute-se a possibilidade de esse tipo de ocorrência ser analisada nos termos do que vem sendo proposto para construções tópico-sujeito (Avelar & Galves, 2011; Munhoz & Naves, 2012; Pilati & Naves, 2012), assumindo-se, de forma conjugada, a análise sugerida para as relativas não padrão do PB (Kato & Nunes, 2009). Apresentam-se dados de um experimento de julgamento de gramaticalidade, em tarefa de leitura auto-monitorada cumulativa, em que se contrasta a aceitabilidade de verbos meteorológicos em relativas não padrão com a de verbos inergativos e inacusativos mono e biargumentais, com flexão ora plural, ora singular. Os resultados indicam que os meteorológicos se aproximam dos inacusativos e opõem-se aos inergativos no julgamento dos falantes. Uma possível articulação do fenômeno investigado à ideia de gramática do letrado (Kato, 2005) e de gramática inovadora é considerada nos comentários finais.

Palavras-chave: verbos meteorológicos; orações relativas; inacusativos; concordância verbal.

Introdução

Temos nos referido a verbos meteorológicos – ditos também “climáticos” – como aqueles verbos que expressam fenômenos da natureza, tais quais *chover*, *ventar*, *nevar*, *trovejar*, *garoar* e semelhantes. Esses verbos, segundo a Gramática Tradicional, são impessoais, ou seja, não realizam a concordância com um sujeito e permanecem na terceira pessoa do singular (CUNHA & CINTRA, 2001: 443-444; BECHARA, 2004: 227). Já há algum tempo, porém, vem-se relatando na literatura linguística especializada de pendor gerativista a flexão – ou a possível flexão – de tais verbos na terceira pessoa do plural:

¹ O experimento reportado foi conduzido durante a elaboração da dissertação de Mestrado do primeiro autor, tendo como orientadora, a terceira autora e como co-orientadora, a segunda autora.

- (1) a. Essas janelas **ventam** muito (PONTES, 1987)
 b. As cidades do litoral paulista **chovem** muito (AVELAR, 2009)

Alguns autores têm apontado que tais verbos, mesmo quando flexionados na terceira pessoa do singular, poderiam estar concordando com um elemento à esquerda, como um pronome demonstrativo.

- (2) Petrópolis é uma coisa. **Aquilo** chove demais! (BERLINCK, DUARTE & OLIVEIRA, 2009)

Uma rápida busca na *internet* provê exemplos de uso, na língua escrita informal, de tais verbos flexionados na terceira pessoa do plural (3), sobretudo em um contexto específico, no caso, quando o meteorológico está no interior de uma oração relativa cortadora (3').

- (3) a. ...uns verões **chovem**, outros **fazem sol**...
 b. Caro Renato, em várias partes da Argentina, Bolívia, Chile e Peru **nevam**, sendo que algumas regiões **caem neve** até no verão.
 c. ...tem uma certa época em que alguns países **nevam** e outros não.
- (3') a. Sei que há lugares [que **chovem** menos do que outros]
 b. ...esses são os lugares [que **nevam**]
 c. ...o financiamento e o comando vem dos países [que **nevam**]

Além desses dados anedóticos, resultados de experimento de produção oral induzida com verbos meteorológicos no interior de orações relativas (COSTA, RODRIGUES & AUGUSTO, 2012; COSTA, 2013) mostram que verbos plurais emergem em mais de 50% das sentenças quando os sujeitos produzem orações relativas cortadoras. Em algumas condições experimentais, surgem em até aproximadamente 80% das sentenças produzidas. Por outro lado, quando os sujeitos produzem orações relativas padrão, essa marca de plural nos verbos ocorre com uma frequência bem menor, equivalente ao percentual normalmente registrado para lapsos de concordância². Esse contraste sugere que, no caso das relativas não padrão, a flexão de plural em verbos meteorológicos seria licenciada pela gramática da língua.

Frente a esse panorama, este trabalho tem por objetivo geral discutir em que medida a presença de uma marca de plural em verbos meteorológicos no interior de relativas cortadoras pode ser visto como parte de um fenômeno mais amplo – a concordância com tópico-sujeito. Para tanto, (i) apresentam-se algumas das principais análises que têm sido propostas para a concordância peculiar em estruturas do tipo tópico-sujeito (GALVES, 1998; 2000; AVELAR & GALVES, 2011; PILATI & NAVES, 2012), estendendo-as aos verbos meteorológicos em orações relativas cortadoras. Assume-se a análise, para relativas do PB, de Kato & Nunes (2009), em que se considera uma posição de tópico (deslocamento à esquerda) a partir da qual a relativa é gerada; (ii) compara-se, a partir de experimento de leitura auto-monitorada e julgamento de gramaticalidade, o comportamento de falantes jovens escolarizados diante dos verbos

² O percentual de lapsos obtidos em experimentos de produção induzida, mesmo em contextos altamente motivadores, raramente ultrapassa o patamar de 20%. Lapsos verificados em estruturas relativas (FRANCK ET AL., 2010) foram da ordem de 11%.

meteorológicos e de verbos inacusativos (monoargumentais e biargumentais), com os quais a concordância, segundo Munhoz & Naves (2010; 2012), é permitida pela estrutura sintática; e verbos inergativos, com os quais a concordância não seria permitida.

O artigo se organiza da seguinte forma: na primeira seção, apresentam-se análises linguísticas propostas para alguns dos aspectos que se mostram relevantes para a caracterização das estruturas sob investigação. Na seção 2, estendem-se algumas dessas análises para a caracterização da concordância com verbos meteorológicos em estruturas relativas. Os resultados de um experimento de julgamento de gramaticalidade, inserido em tarefa de leitura auto-monitorada cumulativa, em que se contrastam verbos meteorológicos, inacusativos mono e biargumentais e inergativos em orações relativas não padrão, com verbo flexionado no singular ou no plural, são reportados na seção 3. A seção final retoma os principais pontos do artigo e considera o conceito de gramática do letrado (KATO, 2005) em relação ao fenômeno investigado, o qual parece indicar a emergência de uma gramática inovadora no PB.

1. Aspectos da sintaxe de concordância com o tópico no PB

Apresentamos, nesta seção, um breve panorama de análises para as estruturas tópico-sujeito (GALVES, 1998, 2000; AVELAR, 2009; AVELAR & GALVES, 2011; MUNHOZ & NAVES, 2010, 2012; PILATI & NAVES, 2012), abordando questões relacionadas ao fenômeno, como a inversão locativa, a natureza do EPP de T e das possíveis categorias que alojam um tópico no PB.

1.1. A concordância com tópico

Desde Pontes (1987) que se vem discutindo a possibilidade de o PB poder ser considerado uma língua de proeminência de tópico. Adicionalmente, alguns autores têm levantado a possibilidade de sintagmas topicalizados poderem efetivamente desencadear a concordância do verbo. Galves (1996; 1998; 2000) discute, assim, a natureza do tópico em PB e as possibilidades estruturais em que tal concordância se daria. Resumidamente, pode-se dizer que, segundo essa autora, devido ao empobrecimento do paradigma flexional do PB (já discutido por DUARTE, 1996) haveria uma categoria específica em que o tópico seria licenciado, a qual permitiria o estabelecimento da concordância do tópico, chamado então de tópico-sujeito, com o verbo.

Sentenças como as de (4), em que o elemento em negrito é o tópico-sujeito, seriam possíveis em PB porque a categoria PersonP, situada entre CP e TP, portaria traços- ϕ (traços-*phi*) não-interpretáveis que precisariam ser checados. Essa checagem, na proposta da autora, poderia ocorrer de duas maneiras: (i) havendo um *pro* expletivo na numeração e um pronome resumptivo, os traços do verbo seriam checados contra os do *pro*; e os de PersonP, contra os do resumptivo, não havendo concordância entre o tópico e o verbo; ou (ii) não havendo *pro* e pronome resumptivo, os traços do verbo seriam alçados para PersonP e checados contra os traços do DP em [Spec, PersonP] (o tópico), havendo, portanto, a concordância do verbo com este elemento.

- (4) a. **Essa casa** bate muito sol nela.
b. **Os relógios** estragaram o ponteiro.

- (4') a. [_{PersonP} Essa casa [_{PersonP} Φ_i [_{TP} pro_k bate_k muito sol **nela_i**]]]
 b. [_{PersonP} Os relógios [_{PersonP} Φ_i [_{TP} estragaram_i o ponteiro]]]

Se o caso dos verbos meteorológicos, então, é ao menos semelhante aos casos mostrados por Galves, podemos pensar numa explicação para o fenômeno dos verbos meteorológicos nos termos de que haveria uma categoria independente (PersonP) que seria responsável por abrigar o tópico em seu especificador:

- (5) a. [_{PersonP} Essas cidades do sul [_{PersonP} Φ_i [_{TP} pro_k neva_k demais nelas_i]]]
 b. [_{PersonP} Essas cidades do sul [_{PersonP} Φ_i [_{TP} nevam_i demais]]]

Segundo essa abordagem, então, seria possível, *grosso modo*, assumir que os elementos à esquerda do verbo realmente desencadeiam a concordância sujeito-verbo.

1.2 Inversão locativa

É preciso destacar, porém, que o sintagma à esquerda, no caso dos verbos meteorológicos, é um elemento de natureza locativa ou temporal e que Avelar (2009) e Avelar & Cyrino (2008; 2009) propõem que elementos locativos preposicionados podem surgir, em construções impessoais com verbos transitivos do PB, numa configuração conhecida como *inversão locativa*, comum às línguas bantu e caracterizada pelo fato de tais elementos ocuparem a posição de verdadeiro sujeito.

- (6) a. **Naquela loja** vende livro.
 b. **No meu DVD** grava qualquer tipo de filme.
 c. **Nesse restaurante** serve todo tipo de salada.

(Avelar, 2009)

Para Avelar (2009), o Português Europeu (PE), em que a *inversão locativa* não é permitida, apresentaria uma estrutura em que haveria um *pro* nulo referencial de natureza agentiva em [Spec, TP], movido de [Spec, vP] e o locativo preposicionado estaria em adjunção a TP. No PB, porém, não haveria este *pro* nulo referencial de natureza agentiva, que teria deixado de ser licenciado na gramática devido ao empobrecimento do paradigma flexional, sendo possível, então, ao locativo ocupar o [Spec, TP].

- (6') a. [_{TP} [_{PP} Naquela loja] [_{TP} *pro_i* [_{T'} T° [_{vP} [_]_i vende livros]]]] (PE)
 b. [_{TP} [_{PP} **Naquela loja**] [_{T'} T° [_{vP} vende livros]]]] (PB)

Observe-se, porém, que desejamos destacar aqui apenas o fato de um elemento locativo estar ocupando a posição de sujeito. Assim o fazemos porque os sintagmas das construções de *inversão locativa* são distintos dos sintagmas das construções com verbos meteorológicos pelo fato de que esses últimos não aparecem preposicionados. Para Avelar, o licenciamento de um elemento preposicionado numa posição que normalmente poderia apenas receber sintagmas nominais seria possível graças à natureza da categoria T do PB que, nessa língua, poderia ser licenciada sem traços- ϕ . Com isso, elementos que não portam traços dessa natureza, como

sintagmas preposicionados, poderiam ocupar tal posição. Tem-se, desse modo, uma explicação coerente para a não concordância do elemento em [Spec, TP] e o verbo.

No caso dos verbos meteorológicos, porém, além de essa concordância ocorrer, o sintagma à esquerda não aparece preposicionado, como ilustra o contraste abaixo, em sentenças em que há um elemento interveniente pesado entre o tópico e o verbo meteorológico.

- (7) a. Aqueles lugares [que recebem muitas pessoas no inverno] **nevam** muito.
 b. Aqueles bairros [que vivem alagando] **chovem** muito.
 c. *Naqueles bairros [que vivem alagando] **chovem** muito.
- (7') a. ?? Aqueles lugares [que recebem muitas pessoas no inverno] **neva** muito.
 b. ?? Aqueles bairros [que vivem alagando] **chove** muito.
 c. Naqueles bairros [que vivem alagando] **chove** muito.

Os julgamentos das sentenças acima parecem indicar que o locativo não preposicionado, no caso de verbos meteorológicos, assim como os locativos preposicionados de Avelar, está realmente alocado na posição de argumento externo do verbo e, para além do que afirma o autor, pode-se supor que, no caso dos verbos meteorológicos, por ser o locativo um elemento portador de traços- ϕ , ou seja, um DP em vez de um PP, este desencadearia a concordância do verbo.

1.2. Natureza do EPP de T

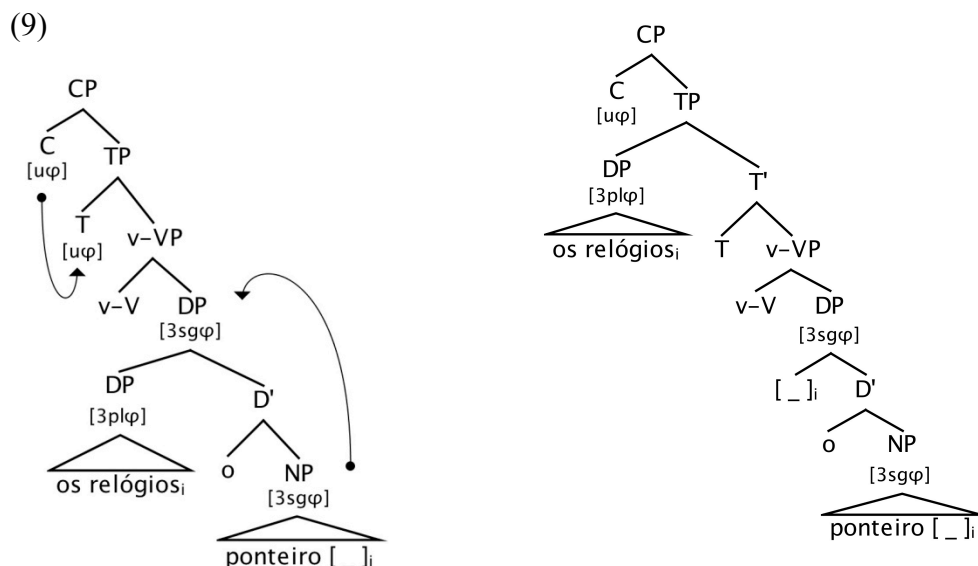
Essa explicação é realmente explorada em Avelar & Galves (2011). Nesse artigo, os autores apresentam uma proposta para explicar as diferenças entre o PB e o PE no que diz respeito a essa concordância do verbo com um tópico. Para os autores, o que diferenciaria as duas línguas nesse sentido seria a natureza do EPP de T: em PE, a concordância do verbo com um tópico nunca ocorre porque EPP de T é ϕ -dependente, ou seja, [Spec, T] só pode abrigar elementos argumentais, com os quais os traços do verbo concordam; em PB, por outro lado, EPP de T é ϕ -independente, podendo o especificador abrigar tanto elementos argumentais quanto não-argumentais.

Essa explicação se torna mais clara diante de sentenças como (8). Em suma, pode-se dizer que, quando da concatenação de T à estrutura que está sendo gerada, PB e PE têm comportamentos distintos: em PE, [Spec, T] não é projetado quando dessa concatenação, de modo que C transfere seus traços ϕ para T e a sonda deste se depara primeiramente com os traços ϕ de 3ª pessoa do singular na projeção máxima do DP *o ponteiro*. A concordância, logo, tem de se dar com este elemento no singular e não com o elemento no plural (árvore à esquerda em (9), abaixo).

- (8) a. Os relógios **estragou** o ponteiro.
 b. Os relógios **estragaram** o ponteiro.

Em PB, ao contrário, [Spec, T] é projetado e, quando da concatenação de C, esta posição já está ocupada pelo tópico. Isso pode ocorrer porque T, no PB, é ϕ -independente e não necessita receber os traços ϕ não checados de C ($u\phi$). Assim, a sonda que sai de C encontra imediatamente os traços ϕ do DP *os relógios*, fazendo com que a concordância se realize com este elemento,

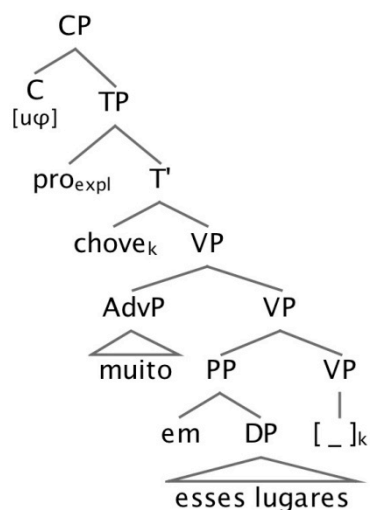
como ilustra a árvore abaixo à direita:



Com esta proposta, ficaria explicado como um elemento não-argumental (o DP *os relógios*), supostamente na posição de tópico, desencadearia a concordância do verbo da mesma maneira que fariam elementos argumentais, ou seja, verdadeiros sujeitos. O raciocínio, então, poderia ser estendido para os verbos meteorológicos, conforme ilustram as árvores abaixo para as sentenças em (10).

- (10) a. Chove muito nesses lugares.
b. Esses lugares chovem muito.

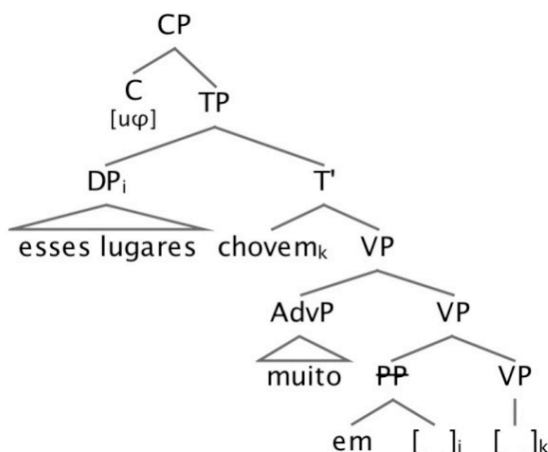
(11)



Nesse primeiro caso, o PP locativo é apenas um adjunto à projeção do verbo, sendo que é este elemento, o verbo, que se move para T e que concorda com um *pro* expletivo de terceira pessoa em [Spec, T]. O verbo, portanto, permanece no singular, em consonância com o número do seu verdadeiro sujeito, ou seja, o *pro* expletivo.

Uma segunda possibilidade, porém, é aquela em que o locativo-temporal é alçado à posição de tópico, disparando a concordância do verbo, já que não haveria um *pro* expletivo. A representação em (12) ilustra esse tipo de derivação.

(12)



Neste caso, pode-se pensar numa derivação nos moldes do que propõem Avelar & Galves (2011), a saber: (i) [Spec, T] é projetado assim que T é concatenado à estrutura, já que T, no PB, é ϕ -independente. [Spec, T] é ocupado pelo tópico *esses lugares*; (ii) C é concatenado à estrutura quando [Spec, T] já recebeu o tópico *esses lugares*; (iii) uma sonda parte de C em direção a T, em busca de checar os traços ϕ de C ($u\phi$). Essa sonda se depara imediatamente com os traços ϕ do DP tópico *esses lugares*, no [Spec, T]. Os traços ϕ não checados de C ($u\phi$) são valorados através da concordância com esse elemento; (iv) os traços ϕ já valorados de C são transferidos para T.

1.4 A hipótese da inacusatividade biargumental

Essa possibilidade, contudo, não é a única a ser cogitada, já que Munhoz & Naves (2010; 2012) afirmam que as estruturas de tópico-sujeito, apesar de terem sido consideradas como homogêneas, devem ser separadas em dois grupos distintos: (i) aquelas em que a relação estabelecida entre os DPs é de todo-parte, chamadas pelas autoras de construções genitivas (13a) e aquelas em que a relação é de tema-locação, chamadas de construções locativas (14a). Isso deve ocorrer porque, apesar de ambas terem que ser construídas com um DP pré-verbal definido (confronte a agramaticalidade das sentenças em b) e apresentarem um DP pós-verbal, elas têm outros comportamentos importantes que as diferenciariam, sobre os quais não nos deteremos aqui.

- (13) a. Meu carro furou o pneu.
b. *Carro furou o pneu.

- (14) a. Essas janelas batem sol.
b. *Janelas batem sol.

As autoras propõem, então, que, na verdade, estamos diante de verbos diferentes em cada uma das construções. Nas genitivas, teríamos um verbo inacusativo que possui apenas um argumento. Nas locativas, teríamos um verbo inacusativo, por elas chamado de inacusativo biargumental já que possuiria não um, mas dois argumentos. As construções de tópico-sujeito, portanto, seriam formadas por ambos os tipos de inacusativos, sendo que nas locativas haveria um DP *tema* e um DP *locativo*.

É preciso destacar, contudo, que o fato de as construções genitivas apresentarem dois DPs (*o carro* e *o pneu*) não compromete a hipótese das autoras, já que elas assumem a análise de Lunguinho (2006) – numa crítica à proposta de PersonP, de Galves, já discutida neste trabalho. Segundo a proposta do autor, no caso dos tópicos-sujeito, não existiriam, na numeração, nem a preposição que ligaria os dois DPs (*o pneu de o carro*) e nem um *pro* expletivo. Na verdade, para ele, haveria um DP complexo do tipo [DP [DP *o carro*] [D' o [NP *pneu*]]], que seria separado em dois para a checagem dos traços- ϕ de T, checados contra os traços- ϕ do possuidor (*o carro*), que seria alçado à posição de [Spec, T] para a checagem do traço EPP de T.

A partir desses dados, Munhoz & Naves (2012) conseguem distinguir entre os verbos inacusativos biargumentais (os das construções locativas) e outros tipos de verbos, ao mesmo tempo em que levantam comportamentos que caracterizariam aqueles. Para elas, os inacusativos biargumentais não são semelhantes aos inergativos porque estes não podem formar sentenças de tópico-sujeito (15); não são semelhantes aos transitivos porque estes permitem a passivização (16) e a cliticização, enquanto aqueles não permitem (17); por fim, não são semelhantes aos inacusativos monoargumentais (os das construções genitivas) porque estes não geram sentenças de tópico-sujeito com relação do tipo tema-locação, apenas com relação todo-parte. Os das construções locativas, por outro lado, não apresentam alternância causativa.

- (15) Inergativo
a. *A piscina do Sesc nadou os melhores da equipe.
(Munhoz & Naves, 2012)
- (16) Transitivo
a. A Livraria do Chiquinho vende livros acadêmicos.
b. Livros acadêmicos são vendidos na/pela Livraria do Chiquinho.
(Munhoz & Naves, 2012)
- (17) Inacusativo biargumental
a. Essa casa bate bastante sol.
b. *Bastante sol é batido por essa/*nessa casa./*Essa casa é batida por bastante sol.
(Munhoz & Naves, 2012)
- (18) Inacusativo monoargumental
a. A Rita quebrou um copo.
b. O copo quebrou.
c. Quebrou um copo naquela pia.
d. *Aquela pia quebrou um copo.
(Munhoz & Naves, 2012)

Diante desses fenômenos, Munhoz & Naves (2012), seguindo Pilates & Naves (2012),

assumem uma explicação formal em que consideram a transferência de traços de C para T segundo a proposta de Miyagawa (2010). Nesta proposta, haveria uma posição α situada entre as categorias C e T onde a referencialidade, nas línguas de tópico, poderia ser licenciada. Nas línguas de sujeito, por outro lado, a referencialidade seria licenciada em T. O PB, por ter comportamento ambíguo quanto a ser uma língua de tópico ou de sujeito, poderia, então, fazer uso de ambas as possibilidades.

Resumidamente, pode-se dizer que, quando os traços- ϕ de C são transferidos para T, essa categoria só pode atrair o sujeito, já que T deve atribuir Caso Nominativo: temos uma sentença de verdadeiro sujeito. No entanto, se os traços- ϕ de C forem transferidos para α , qualquer DP pode ser atraído para esse posição, já que α não tem traço de Caso a atribuir: temos, então, uma estrutura de tópico-sujeito.

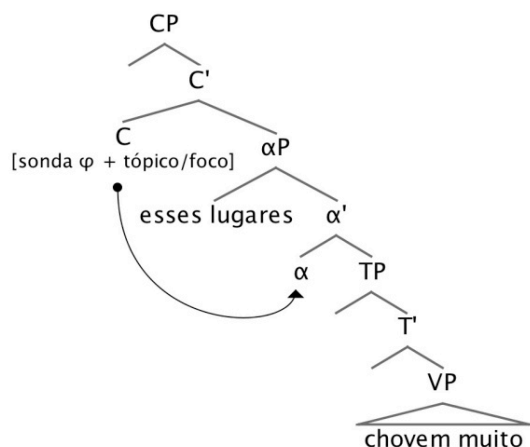
Diante da proposta vista acima, somos tentados a imediatamente fazer uma aproximação entre os verbos meteorológicos e os inacusativos biargumentais, já que os meteorológicos, assim como os biargumentais, estão se apresentando em estruturas de tópico-sujeito em que a concordância do verbo ocorre com um sintagma de natureza locativa (ou temporal). Como discutido acima, esse tipo de estrutura não é possível com verbos inergativos, a categoria a que os verbos meteorológicos deveriam ser associados.

O problema básico que temos com essa aproximação é o fato de que, com verbos meteorológicos, não temos dois argumentos como nos inacusativos biargumentais. Na verdade, sequer podemos afirmar com convicção que o sintagma locativo/temporal relativizado é um argumento. Por outro lado, não podemos simplesmente aproximar os verbos meteorológicos dos inacusativos monoargumentais, pois estes não permitem a geração de sentenças com relação tema-locação, mas é justamente este tipo de sentença que ocorre com os meteorológicos.

Seja como for, a ideia da transferência de traços de C para T parece interessante, sobretudo se pensarmos que a posição α aparece na mesma configuração estrutural que as demais posições postuladas para o tópico, entre C e T. Assim, no caso dos verbos meteorológicos, seria possível pensar que os traços- ϕ de C são transferidos ora para α , quando temos a concordância e a estrutura de tópico-sujeito, ora para T, quando não temos a concordância.

A árvore em (19) ilustra a possibilidade de os traços serem transferidos para α :

(19)



Nesta seção, foram apresentadas propostas que podem ser estendidas à geração de

sentenças com verbos meteorológicos flexionados em concordância com um tópico: particularmente, (i) a de Avelar & Galves (2011), em que o sintagma locativo ocupa a posição de [Spec, TP], sendo o EPP de T, no PB, ϕ -independente; e (ii) a de Munhoz & Naves (2010; 2012) e Pilati & Naves (2012), em que esse sintagma ocupa a posição de [Spec, α P], categoria que recebe os traços- ϕ de C.³

2. A geração de relativas no PB e a concordância com tópico

A partir das análises delineadas na seção precedente, apresentamos a geração das estruturas relativas, incorporando a possível manifestação de concordância do verbo meteorológico, no seu interior, com o tópico. Para tanto, contudo, faz-se necessário, antes, apresentar a estrutura que estamos assumindo para relativas não padrão, no caso a análise de Kato & Nunes (2009).

2.1 Relativas geradas de posição não argumental

De acordo com a proposta de Kato & Nunes (2009), a geração de relativas não padrão, no PB, está associada a uma posição A', mais especificamente, de Deslocamento à Esquerda (DE – LD em inglês – *Left-dislocation*), a partir da qual o nome seria relativizado.

(20) Eu tenho [uma [CP [DP amiga_i [DP que [_]_i]]_k [CP C [LD[_]_k [TP ela_i é muito engraçada]]]]]

(exemplo 51a, de Kato & Nunes, 2009)

Observe-se que o DP [*amiga que*], marcado pelo índice k, foi alçado da posição de LD, acima de TP e que, como em todo caso de DE, há um pronome no interior da sentença (manifesto ou nulo) ao qual o elemento deslocado à esquerda é correferente.

Considerando-se a geração de orações relativas em que um verbo meteorológico esteja presente, teríamos, para o caso da sentença como (21a) abaixo (uma relativa padrão com *pied-piping*), a relativização do elemento nominal a partir da sentença relativa (em adjunção a VP, para o caso dos locativos), alçado, então, para uma posição de adjunção a CP. A preposição junto ao pronome relativo deve, aqui, ser mantida (árvore em (22)).

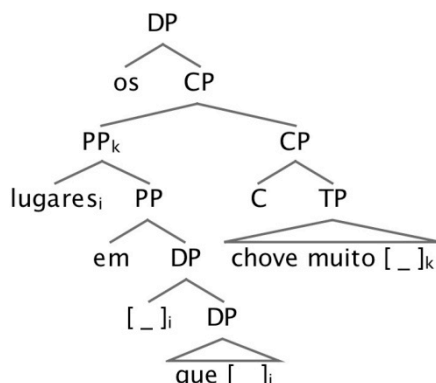
³ Estamos cientes de que há toda uma discussão na literatura acerca da abrangência e das vantagens e desvantagens de cada análise em relação ao PB, sendo uma das principais questões, a nosso ver, o modo como se pode explicar a impossibilidade de uma interrogativa-QU, seguida de tópico e sujeito pronominal manifesto, como em:

(i) *Que período (que) essas cidades, elas chovem mais?

Essa discussão se fundamenta em torno da adequação de se adotar uma camada TopP, alocar o tópico em CP, assumir uma projeção extra, como α P, para tal, etc, o que foi discutido em Toniette (2013). Não há, todavia, uma análise que tenha contemplado de modo satisfatório essas questões e vai além do escopo deste artigo nos alongarmos na comparação entre as propostas.

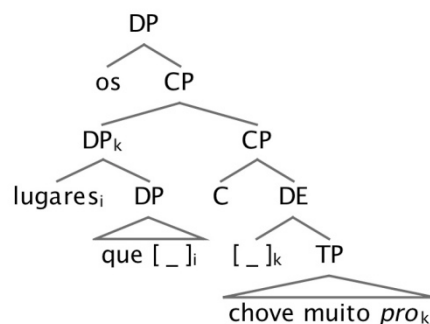
- (21) a. Os lugares em que chove muito
 b. Os lugares que chove muito
 c. Os lugares que chovem muito

(22)



No entanto, para os casos de relativas não padrão, em que não há *pied-piping* e nem efeitos de ilha, como para a sentença (21b), teríamos a representação em (23), na qual a relativização teria ocorrido a partir da posição de DE, uma posição não argumental. Uma vez que DE não pode ser um elemento preposicionado, não ocorreria *pied-piping*, já que não haveria qualquer tipo de preposição que tivesse sido alçada para a posição de DE. Assume-se, no entanto, na posição original do elemento locativo, a presença de um *pro*, de caráter particular, prevendo-se que a preposição tivesse sido cortada.

(23)



Observe-se que, tendo assumido a análise acima delineada, podemos, finalmente, nos dedicar à questão da concordância em orações relativas, o nosso objetivo primário.

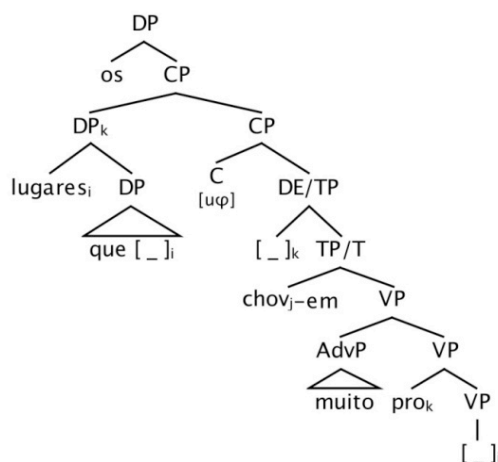
2.2 Verbos meteorológicos flexionados no plural em relativas

Fica evidente, então, como a concordância do verbo no interior de uma relativa poderia se

dar com um sintagma fora da relativa. Lembre-se de que, conforme postulado por Avelar & Galves (2011), se T, em PB, é uma categoria ϕ -independente, [Spec, T] é projetado antes da concatenação de C e, quando este é projetado, o tópico já está alocado em [Spec, T], disparando a concordância. Bastaria apenas que a relativização se desse a partir dessa posição que, segundo os autores, é uma posição A'. Ficaria explicado, portanto, o processo de concordância e também a não ocorrência de efeitos de ilha nas relativas não padrão. Assim sendo, uma sentença como (24), abaixo, poderia ser estruturalmente representada por (25).

(24) Os lugares que chovem muito

(25)



Observe-se que, se tomamos a posição abaixo de CP como DE, a projeção imediatamente inferior a esta seria TP, no interior da qual o verbo é alocado. Por outro lado, se consideramos que a posição abaixo de CP é TP, temos que a relativização se dá a partir de [Spec, T] e o verbo está alocado no núcleo de T. A proposta de Munhoz & Naves (2010; 2012), de que haveria uma posição α P que abrigaria o tópico, poderia também ser postulada. Nesse caso, a configuração estrutural seria semelhante à de DE.

A natureza da categoria em que o locativo ou temporal está alocado é ponto de debate na literatura (veja nota 3). No entanto, o que é crucial para a discussão aqui empreendida para os verbos meteorológicos é o fato de que as análises consideradas apresentam-se como alternativas viáveis para a geração de uma relativa cortadora a partir de um elemento que já se encontra em uma posição mais alta na estrutura sintática, com o qual a concordância com o verbo é estabelecida. Dessa forma, indica-se como a gramática do PB acomodaria essa possibilidade de concordância com um tópico locativo na presença de um verbo meteorológico, no interior de orações relativas, em oposição à possibilidade de essa marca de plural ser o resultado de um mero lapso de processamento.

3. Experimento de julgamento de gramaticalidade e leitura auto-monitorada

Seguindo essa linha de raciocínio, a concordância que os verbos meteorológicos estariam estabelecendo com um elemento de natureza locativa seria permitida, na gramática da língua,

porque tais verbos não mais poderiam ser descritos – devido a motivos ainda a serem investigados – como verdadeiros inergativos. Estariam, na verdade, se aproximando dos verbos inacusativos descritos por Munhoz & Naves (2010; 2012), ou seja, os biargumentais, que aceitariam a concordância com um elemento locativo, como já discutido.

A fim de investigar essa possibilidade, elaboramos um experimento de julgamento de gramaticalidade e leitura auto-monitorada em que verificamos o comportamento dos falantes em relação aos verbos meteorológicos, em comparação a três tipos de verbos: inergativos; inacusativos monoargumentais e inacusativos biargumentais.

No caso dos verbos inergativos, a concordância com um antecedente não é licenciada pela gramática da língua. No entanto, com os inacusativos (mono e bi) essa concordância é permitida. Nosso objetivo, portanto, era investigar, a partir de duas medidas distintas – uma *on-line* (tempo de leitura) e outra *off-line* (julgamento de gramaticalidade) – como os falantes avaliam uma forma de plural associada a verbos meteorológicos, em contraste com os outros tipos de verbos. Com base nos resultados do experimento de produção induzida citado anteriormente (COSTA, RODRIGUES & AUGUSTO, 2012), nossa expectativa em relação ao contraste meteorológicos/inergativos era de que o plural geraria um estranhamento, em especial, quando associado aos inergativos, o que seria expresso em termos de maiores tempos de leitura e baixa aceitabilidade. Em relação ao contraste meteorológicos e inacusativos, nossa expectativa seria de que não houvesse diferença significativa entre os tempos e o percentual de aceitação de uma forma plural desses verbos.

Definimos, como variáveis independentes, o *tipo de verbo* (inergativo, inacusativo monoargumental, inacusativo biargumental e meteorológico) e o *número do verbo* (singular e plural) e, como variáveis dependentes, o tempo de reação (RT) em milissegundos e o julgamento de gramaticalidade (sim ou não) à pergunta “Essa é uma frase do português?”.

3.1 Método

Participantes

O experimento foi aplicado a 40 sujeitos voluntários, estudantes universitários da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), compensados pela participação com horas de atividades complementares necessárias à sua formação.

Material

Para este experimento, elaboramos 8 sentenças para cada uma das 8 condições, para um total de 64 sentenças experimentais. As sentenças foram distribuídas entre dois grupos de participantes de modo que todos os sujeitos fossem expostos a todas as condições, mas que o mesmo participante não visse o mesmo estímulo no singular e no plural. Assim, cada grupo era submetido a 32 sentenças experimentais (4 por condição). Como distratoras, foram utilizadas 32 sentenças, sendo 16 gramaticais e 16 agramaticais.

Condição Experimental	Exemplo de item experimental
<i>Inacusativo monoargumental</i>	
Plural	A prefeitura cortou as árvores que morreram a raiz com fungo
Singular	A prefeitura cortou as árvores que morreu a raiz com fungo
<i>Inacusativo biargumental</i>	
Plural	A empregada lavou os sapatos que grudaram o piche do asfalto
Singular	A empregada lavou os sapatos que grudou o piche do asfalto
<i>Inergativo</i>	
Plural	O torcedor filmou os campeonatos que nadaram o rapaz da escola
Singular	O torcedor filmou os campeonatos que nadou o rapaz da escola
<i>Meteorológico</i>	
Plural	O turista visitou os países que nevaram no ano passado inteiro
Singular	O turista visitou os países que nevou no ano passado inteiro

Tabela 1: Exemplos de estímulos experimentais separados por condições

Procedimentos

Os sujeitos foram convidados a participar de uma atividade em que teriam que ler frases em um computador e responder uma pergunta sobre as mesmas. Em nenhum momento antes da realização da tarefa lhes foi dito qual o objetivo da mesma. Eles foram informados de que as frases apareceriam palavra por palavra e que teriam de passar cada uma das palavras apertando uma tecla do teclado do computador. Como as palavras não desapareciam da tela após serem lidas, ao chegar à última palavra da frase, a sentença permanecia completa na tela, aguardando que o sujeito apertasse novamente a tecla para o surgimento da pergunta: “Essa é uma frase do português?”, sob a qual havia as palavras SIM (em verde) e NÃO (em vermelho). Nesse momento os participantes deveriam, então, apertar uma de duas teclas do teclado para respostas SIM e NÃO. O tempo de reação dos sujeitos às palavras, ou seja, o tempo que demoravam para apertar o botão que permitia a passagem de uma palavra a outra e a tecla que apertavam durante a pergunta de julgamento foram arquivados pelo programa *PsyScope*.

3.2 Resultados

Os dados obtidos com o experimento para julgamentos de gramaticalidade estão resumidos no gráfico abaixo.

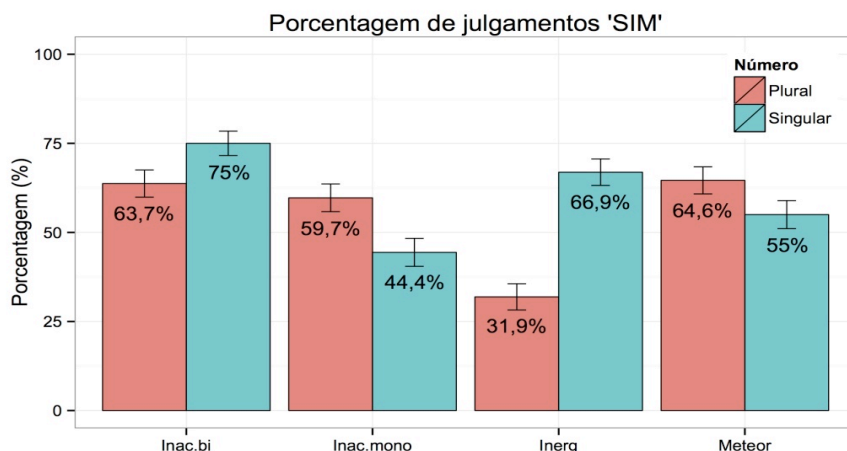


Gráfico 1: Porcentagem de julgamentos SIM em função das condições experimentais.

Tais dados foram submetidos a uma regressão logística de efeitos mistos⁴ (efeitos aleatórios para sujeitos e itens) (JAEGER, 2008; PINHEIRO & BATES, 2000) e a um teste de comparações múltiplas usando os contrastes de Tukey para obtenção de p-valores corrigidos (BRETZ, HOTHORN & WESTFALL, 2011). Os resultados significativos estão apresentados na tabela abaixo.

	Log(Odds)	Erro Padrão	Z valor	p valor	Chance ⁵
Inerg:pl - Inac.bi:pl	-1.79588	0.42094	-4.266	< 0.001	1:6
Inerg:pl - Inac.mono:pl	-1.58065	0.41999	-3.764	0.00376	1:4
Inac.mono:sg - Inac.mono:pl	-0.84369	0.26025	-3.242	0.02333	1:2
Meteor:pl - Inerg:pl	1.88557	0.42535	4.433	< 0.001	6:1
Inac.bi:sg - Inerg:pl	2.52112	0.43237	5.831	< 0.001	12:1
Inerg:sg - Inerg:pl	2.01723	0.27789	7.259	< 0.001	7:1
Meteor:sg - Inerg:pl	1.33236	0.41945	3.176	0.02876	3:1
Inac.mono:sg - Inac.bi:sg	-1.78417	0.42578	-4.190	< 0.001	1:5
Inerg:sg - Inac.mono:sg	1.28028	0.41803	3.063	0.04070	3:1

Tabela 2: Resultados significativos de regressão logística de efeitos mistos aplicada aos dados experimentais.

⁴ Neste trabalho utilizamos um modelo linear de efeitos mistos, uma vez que, como vem sendo apontado na literatura, tais modelos permitem controlar a variância tanto de sujeitos quanto de itens experimentais. O leitor interessado no uso desse tipo de modelo para a análise de dados psicolinguísticos deve consultar Jaeger (2008); Baayen, Davidson & Bates (2008); Barr et al. (2011), além das referências citadas em Costa (2013).

⁵ Chance aproximada, calculada a partir da exponenciação do logaritmo da chance (*Log Odds*). Lê-se a relação “x:y” como “x para y”. Assim, tomando-se a primeira linha como exemplo, temos 1 julgamento SIM com inergativos plurais para cada 6 julgamentos SIM com inacusativos biargumentais plurais. Em outras palavras, para cada 6 verbos inacusativos biargumentais julgados como pertencentes ao português pelos participantes do experimento, apenas 1 inergativo era assim julgado. O mesmo raciocínio deve ser usado para os outros contrastes.

A primeira constatação importante que esses dados nos fornecem é que o contraste entre os verbos meteorológicos no singular (55%) e no plural (64,6%) não se mostrou significativo estatisticamente, indicando que não há qualquer evidência de que os falantes julguem de maneiras distintas essas duas condições. Ao que parece, portanto, o plural em meteorológicos (normalmente uma impossibilidade) é aceito tanto quanto o singular (a condição tradicionalmente gramatical para esses verbos). Esse resultado vai na direção dos dados de produção citados no início deste artigo, nos quais os sujeitos ora produziam verbos no plural ora produziam verbos no singular.

É relevante observar que o julgamento dos falantes em relação aos verbos meteorológicos tanto no plural quanto no singular é estatisticamente distinto do que se observa para os inergativos no plural, condição em que as frases do experimento eram claramente agramaticais.⁶ Em termos de chance, cumpre observar que a forma de plural apresenta uma relação de 6 para 1, e a forma de singular uma relação de 3 para 1 no contraste com os inergativos, o que sugere uma certa preferência pela forma de plural, embora, como visto acima, a diferença singular/plural não tenha sido significativa em termos estatísticos.⁷

Em relação ao contraste meteorológicos/inacusativos, não houve diferenças significativas entre os julgamentos dos falantes em relação a esses grupos de verbos, seja para o plural seja para o singular, resultado que será discutido na última seção.

Outro aspecto a ser ressaltado é o fato de não haver diferença estatística entre os inacusativos monoargumentais singulares (44,4%) e os inergativos plurais (condição claramente agramatical no experimento) (31,9%). Em outras palavras, os falantes têm um estranhamento quando os inacusativos monoargumentais estão no singular. Em relação aos monoargumentais no plural, por outro lado, o percentual de aceitação foi de 59,7%, valor esse estatisticamente distinto do percentual do singular, o que pode ser tomado como indicativo de que a concordância com tópico-sujeito já estaria sendo aceita pelos falantes da língua.

Considerando-se o contraste singular e plural para os verbos inacusativos biargumentais, pode-se afirmar que, em termos estatísticos, não há evidência de que, para esses verbos, o singular (75%) e o plural (63,7%) sejam julgados de modo distinto pelos falantes, padrão esse também observado para os verbos meteorológicos. Esses dois verbos, porém, se distanciam dos inacusativos monoargumentais, uma vez que, para estes, o plural (59,7%) e o singular (44,4%) são julgados de maneira distinta, sendo o singular geralmente considerado agramatical e o plural, gramatical.

Por fim, quanto aos tempos de reação na tarefa de leitura auto-monitorada cumulativa, o logaritmo dos tempos de reação obtidos nas posições 6 (pronomes relativos), 7 (verbo), 8 (artigo ou

⁶ O percentual de julgamentos SIM para os inergativos em frases agramaticais foi de 31,9%, valor equivalente ao obtido para as frases distratoras agramaticais do experimento, cujo percentual de SIM foi da ordem de 28%. Já os inergativos em sentenças gramaticais (no caso do experimento, quando a flexão era singular) foi de 66,9%, percentual mais baixo do que o verificado para o julgamento das frases distratoras gramaticais, que foi de 95,8%. Essa diferença pode ser atribuída ao fato de, nas frases com inergativos, ter sido necessário inverter a ordem verbo-sujeito, para manter o paralelismo em relação aos estímulos das demais condições. Logo, o sujeito pós-verbal, algo incomum no PB, pode ter sido o causador dessa redução na aceitabilidade das sentenças.

⁷ Esses dados do fator “chance” são particularmente interessantes quando considerados em conjunto com resultados de um experimento de leitura auto-monitorada reportado em Costa, Rodrigues & Augusto (2012), com verbos meteorológicos. Nesse experimento, verificou-se que os verbos meteorológicos no plural eram lidos mais rapidamente do que os verbos meteorológicos no singular, indicando que não havia estranhamento com a concordância com o elemento locativo.

preposição, a depender da frase) e 9 (nome de duas sílabas) foram submetidos a uma regressão linear de efeitos mistos (BAAYEN, DAVIDSON & BATES, 2008) (sujeitos e itens como efeitos aleatórios) e não foram verificados efeitos significativos em contrastes relevantes para o fenômeno sob investigação⁸.

Considerações finais

Este artigo focalizou a ocorrência, cada vez mais frequente, de verbos meteorológicos flexionados no plural, particularmente, no interior de orações relativas não padrão, em aparente concordância com um tópico locativo, o que vem sendo atestado não só em dados anedóticos comumente fornecidos na literatura da área, mas também em testes psicolinguísticos de produção eliciada (COSTA, RODRIGUES & AUGUSTO, 2012). Esse tipo de concordância remete, no PB, ao que vem sendo denominado sentença do tipo tópico-sujeito. No entanto, as propostas que se detêm sobre esse fenômeno focalizam particularmente os verbos inacusativos. Apresentamos, então, as análises para as construções tópico-sujeito de Avelar & Galves (2011) e Munhoz & Naves (2012), estendendo-as aos verbos meteorológicos, quando inseridos em orações relativas não padrão, assumindo a proposta de Kato & Nunes (2009) para esse tipo de relativa. A fim de se descrever o comportamento dos verbos meteorológicos em condições controladas, reportaram-se os resultados de um experimento de julgamento de gramaticalidade, em tarefa de leitura auto-monitorada cumulativa, em que se contrastou a aceitabilidade de verbos meteorológicos com a de verbos inergativos e inacusativos mono e biargumentais, com flexão ora plural, ora singular, todos em relativas não padrão. Os resultados nos possibilitam traçar um panorama inicial acerca da aceitabilidade das sentenças tópico-sujeito para cada tipo de verbo.

Os verbos inacusativos monoargumentais apresentam frequência de aceitabilidade razoavelmente alta, pelos falantes do PB, quando em concordância com um tópico-sujeito plural. Os falantes, no entanto, não aceitam o singular, quando o tópico é plural, sendo que a taxa de aceitabilidade dessa condição não difere daquela de sentenças agramaticais (inergativos plurais). Tem-se alguma evidência, portanto, de que a concordância com esses elementos, para estes verbos, deve ser parte já do conhecimento linguístico dos falantes, estando prevista na gramática do PB.

Esse comportamento, todavia, não é visto com os verbos inacusativos biargumentais e nem com os meteorológicos, em que o plural e o singular não diferem entre si, sendo que a taxa de aceitabilidade por parte dos falantes é acima de 50% para todas as condições com esses verbos. Apesar de serem verbos distintos quanto ao número de argumentos pedidos, lembramos que ambos possuem argumentos (ou um *quasi*-argumento, no caso dos meteorológicos) de natureza locativa. O fato de a concordância começar a ser disparada com esse elemento sugere a emergência de um aspecto inovador na gramática do PB.⁹

⁸ Os dados relativos aos tempos de reação sugerem que muitos participantes apenas liam de fato a sentença ao final, visto que esta permanecia na tela até que o indivíduo apertasse um botão indicando seu julgamento. Nesse sentido, seria interessante verificar, em experimentos futuros, como seria o comportamento dos participantes, se a sentença não permanecesse na tela e, no lugar do julgamento, os participantes tivessem de responder a uma pergunta de compreensão.

⁹ Esse tipo de sentença em que se atesta a concordância de plural com um tópico-sujeito de natureza não argumental não é aceitável em Português Europeu (PE). Tem-se discutido a possibilidade de esse tipo de estrutura ser resultado

É importante, no entanto, salientar que nossos resultados experimentais indicam que enquanto os monoargumentais com tópicos plurais e verbo no singular estão sendo avaliados como agramaticais pelos falantes da língua (ao menos, na amostra de adultos jovens escolarizados aqui apresentada), os biargumentais e os meteorológicos são aceitos tanto no singular quanto no plural, na presença de um tópico plural. A concordância no singular indica que a gramática que gera essas sentenças dispõe do *pro* expletivo, ou seja, os verbos meteorológicos são, ainda, tomados como inergativos impessoais. Sendo assim, uma questão se coloca: embora os dados indiquem a existência de uma gramática inovadora em ação, não parece haver, no entanto, um comportamento sistemático por parte dos falantes.

Esse tipo de comportamento nos remete à discussão já travada por Kato (2005), que propõe que os falantes do PB poderiam ser vistos como diglóticos, tendo uma *gramática nuclear* e uma *periferia marcada* responsável pela gramática da escrita. O comportamento errático dos sujeitos durante a produção ou o julgamento de verbos meteorológicos no plural nos contextos aqui estudados refletiria a competição entre a *gramática nuclear* e a força das regras incorporadas na *periferia marcada* desses jovens escolarizados. É preciso lembrar que a gramática da escrita que os sujeitos do PB possuem na sua *periferia marcada* é composta por uma “regra estilística” em que tais verbos ainda são impessoais, devendo permanecer flexionados na terceira pessoa do singular. Esses falantes, então, devido a essa pressão da gramática da escrita, vacilariam entre a flexão do verbo no singular e no plural. É relevante, ainda, reforçar que os percentuais obtidos distanciam-se claramente do que se poderia tomar como mero lapso, decorrente de interferências durante o processamento da estrutura.¹⁰

Em suma, o comportamento distinto obtido para os meteorológicos e os inergativos deixa claro que os primeiros não são mais tomados como verbos inergativos *stricto sensu*. A possibilidade de considerar o locativo como um *quasi*-argumento para os verbos meteorológicos se mostra interessante, pois os aproxima dos inacusativos biargumentais, licenciando, assim, como estes, uma estrutura do tipo tópico-sujeito.

Weather verbs in the plural and the unaccusativity hypothesis: aspects of Brazilian Portuguese syntax

ABSTRACT: This paper focuses on weather verbs presenting a plural marking in relative clauses in BP as part of a broader phenomenon – the topic-as-subject constructions. The analyses suggested for this phenomenon (Avelar & Galves, 2011; Munhoz & Naves, 2012; Pilati & Naves, 2012) are considered, integrated to a non-standard relative clauses analysis suggested for BP (Kato & Nunes, 2009). The data from a grammaticality judgement experiment in a cumulative self-reading task are reported. Weather verbs in non-standard relative clauses are contrasted to inergative verbs and unaccusative verbs (both monoargumental and biargumental, following Munhoz & Naves, 2012). Relative

do contato, em solo brasileiro, com línguas africanas do grupo bantu (NEGRÃO & VIOTTI, 2008; AVELAR & GALVES, 2013).

¹⁰ Evidências mais robustas poderiam ser obtidas através de estudo sócio ou psicolinguístico que contrastasse falantes de vários níveis de escolarização, digamos, falantes do Ensino Fundamental I, do Ensino Fundamental II, do Ensino Médio e universitários; ou mesmo num estudo de tempo aparente, com falantes de diversas faixas etárias em um experimento de produção nos moldes daquele citado anteriormente. Caso a frequência de verbos no plural seja significativamente maior para os falantes com menor escolarização, tem-se uma evidência robusta de que é realmente uma pressão da escrita sobre essa gramática inovadora. O estudo de tempo aparente, por sua vez, poderia mostrar se essa gramática inovadora realmente existe nos falantes mais jovens e se é inexistente nos falantes mais velhos.

clauses present plural nominal antecedents and the verbs are presented either in the plural or in the singular. Results indicate that weather verbs pattern like unaccusatives and not as inergatives in the experiment. At last, the results are discussed in the light of Kato (2005) and the notion of innovative grammar and peripheral phenomena.

Key-words: weather verbs; relative clauses; unaccusativity; verbal agreement.

REFERÊNCIAS

AVELAR, J.O. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Revista Matraca*, v. 16, n. 24, p. 232-252, jan./jun. 2009.

_____.; CYRINO, S. Sobre constituintes locativos pré-verbais: paralelismos entre o português brasileiro e as línguas bantu. *Cadernos de Estudos Linguístico*, v. 34, p. 19-30, jan./jun. 1998.

_____.; _____. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 3, p. 49-65, 2008.

_____.; GALVES, C. Tópico e concordância em PB e PE. In: COSTA, A.; BARBOSA, P.; FALÉ, I. (Orgs.) XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos selecionados. Lisboa: APL, 2011. p. 49-65.

_____.; _____. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: M. D. Moura & M. A. Sibaldo (orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*. 1ª ed. Maceió: Edufal, 2013. p. 103-132.

BAAYEN, R. H.; DAVIDSON, D.J. & BATES, D.M. Mixed-effects modeling with crossed random effects for subjects and items. *Journal of Memory and Language* 59. p. 390–412, 2008.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BERLINCK, R. A. ; DUARTE, E. ; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M. A. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil – Vol. 3: A construção da sentença*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

BRETZ, F.; HOTHORN, T. & WESTFALL, P. *Multiple Comparisons Using R*. Nova Iorque: Chapman & Hall/CRC, 2011.

COSTA, I. O. *Verbos meteorológicos no plural em orações relativas do Português Brasileiro: sintaxe e processamento*. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 2013.

COSTA, I. O.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A. Concordância com tópico: o caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras. *ReVEL*, edição especial n. 6, 2012. [www.revel.inf.br].

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova

Fronteira, 2001.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1996.

FRANCK, J.; SOARE, S.; FRAUENFELDER, U. H.; RIZZI, L. Object interference in subject-verb agreement: The role of intermediate traces of movement. *Journal of Memory and Language* 62 p. 166–182, 2010.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 34, p. 19-30, jan./jun. 1998.

_____. Agreement, Predication, and Pronouns in the History of Portuguese. In: COSTA, J. (Org.). *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

JAEGER, T. F. Categorical data analysis: Away from ANOVAs (transformation or not) and towards logit mixed models. *Journal of Memory and Language* 59. p. 434–446, 2008.

KATO, M. A. & NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing CO, 2009.

_____. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. in: MARQUES, M. A.; E. KOLLER, J. T. & LEMOS, A. S. (orgs). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005: 131-145.

MUNHOZ, A. T. M. & NAVES, R. R. Notas a respeito da estrutura argumental de verbos com alternância entre tema e locativo no português brasileiro. *Anais do IX Encontro do CELSUL Palhoça*. SC, out. 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina.

MUNHOZ, A. T. M. & NAVES, R. R. Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 15/1, p. 245-265, jun. 2012.

MIYAGAWA, S. *Why agree? Why move?* Unifying agreement-based and discourse-configurational languages. Cambridge: MIT Press, 2010. (Linguistic Inquiry Monographs, 54).

NEGRÃO, E. & VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: J. L. Fiorin & M. Petter (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p.179-203.

PILATI, E. & NAVES, R. *Cisão da categoria pronominal, transferência de traços de C para T e a expressão do sujeito no Português Brasileiro*. Comunicação apresentada em II Congresso

Internacional de Linguística Histórica, São Paulo:USP, 08-10 fev, 2012.

PINHEIRO, J. & BATES, D. *Mixed-effects models in S and S-PLUS*. Springer-Verlag: Nova Iorque, Berlin, Heidelberg, 2000.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1987.

TONIETTE, H.F. *Concordância com sintagmas não argumentais no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2013.

ANEXO

Experimento 3 Julgamento de Gramaticalidade
em tarefa de leitura automonitorada

Sentenças Experimentais

Inacusativo monoargumental

A prefeitura cortou as árvores que **morreu** a raiz com fungo

O empregado limpou os jardins que **apodreceu** o caule da árvore

A babá alimentou os bebês que **creceu** o dente de leite

O técnico verificou os rádios que **acabou** a pilha de zinco

O técnico consertou os aquecedores que **escaparam** o vapor de água

O rapaz tomou os sorvetes que **escorreram** a calda de morango

A secretária guardou os sapatos que **caíram** o salto muito fino

A garota lavou os sutiãs que **apareceram** a alça de silicone

Inacusativo biargumental

A empregada lavou os sapatos que **grudou** o piche do asfalto

O rapaz fechou as janelas que **bateu** o raio de sol

A amiga emprestou as malas que **coube** a roupa de inverno

A CEDAE abasteceu as casas que **faltou** a água da rua

O jornal divulgou as listas que **constaram** o nome do corrupto

O corretor vendeu os terrenos que **apareceram** o monstro do pântano

A menina comprou os Sucrilhos que **vieram** o brinde de Páscoa

O chefe aprovou as receitas que **entraram** o vinho do Porto

Inergativo

O torcedor filmou os campeonatos que **nadou** o rapaz da escola

A família adorou as fotos que **sorriu** o bebê da empregada

O engenheiro fiscalizou as pistas que **correu** o dono do automóvel

O guia visitou as cidades que **viveu** o ator da novela

O engenheiro fiscalizou as pistas que **correram** o dono do automóvel

A empregada adorou os dias que **vijaram** o chefe da repartição

O clube reformou as arenas que **lutaram** o dono da academia

O cachorro comeu os cadernos que **escreveram** o rapaz da escola

Meteorológico

O turista visitou os países que **nevou** no ano passado inteiro

O alpinista escalou as montanhas que **nevou** no dia muito frio

O geógrafo estudou as regiões que **ventou** no verão de 2013

O paraquedista adorou as planícies que **ventou** na hora do salto

O jornalista criticou as cidades que **choveram** em março de 2012

A empresa reformou os prédios que **choveram** no dia da inauguração

O menino odiou os locais que **trovejaram** no dia do passeio

O cientista visitou os estados que **trovejaram** em junho de 2011

Distratoras

Agramaticais

O menino disse que se fosse rico comprará um carro novo

O bebê mastigou o bolacha com vontade depois de tomar mamadeira

Foi no verão Pedro se machucou jogando futebol com os amigos

O sol da manhã iluminou casa de pedra com a montanha

O cabide de madeira estava com um preto casaco nele pendurado

A dançarina de balé saltar alegremente pelo lotado teatro da cidade

A professora disse os alunos para fazerem o dever com atenção

O torcedor sumiu o novo boné do Vasco numa forte ventania

O calouro de jornalismo acordou manhã para fazer as provas finais

O rico chefe esqueceu as novamente datas das reuniões da firma

A vizinha acolheu o cachorro perdido estava que na rua interditada

As maçãs são frutas que ser muito boas quando muito maduras

O cobertor ficou molhado todo no varal do quintal do vizinho

Barcos de papel navegavam na grande enxurrada que encheu na rua

Os velhos livros de arte ficam na grande estante na precisão

Os fios de cobre da telefônica empresa foram todos roubados ontem

Gramaticais

O gari pegou as caixas de papel que estavam muito rasgadas

A camareira lavou os travesseiros que os hóspedes queriam no quarto

A ventania noturna fez com que a porta batesse muito ontem

A casa de campo foi destruída pela surpreendente nevasca de inverno

Todos os brindes da festa foram confeccionados pela mãe da criança

A peça da máquina ficou toda enferrujada depois da chuva noturna

O feriado de Páscoa foi marcado por graves acidentes de carro

O aluno perdeu seu livro de poesias enquanto estava na biblioteca

O sofá da sala de jantar ficou todo molhado de suco

A lâmpada queimou justamente durante o jantar de ontem à noite

Turistas viajaram de Portugal para o Brasil para passar o Carnaval

O vidro do carro ficou completamente embaçado em função da névoa

O homem da moto permaneceu caído depois do acidente de carro

Os moradores da cidade reclamaram da falta de água no feriado

O corredor brasileiro venceu a maratona no dia do seu aniversário

Os atores estrangeiros chegaram cedo ao hotel na cidade da gravação

Data de envio: 02/09/2013

Data de aceite: 04/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014